

TEMPO DE CHUVA

LUIZ HERMÓGENES

Horácio Didimo teve como prêmio "Universidade do Ceará", a publicação dos seus cadernos de versos num livro denominado *Tempo de Chuva*.

Como todo bom cearense teria de falar na água que cai dos céus, porque, em torno desse elemento natural, giram todas as realidades da vida.

Se, para Protágoras, "o homem era a medida de todas as coisas", - para Thales de Mileto, na sua doutrina cosmológica, a água era o elemento preponderante do universo. E como, no Ceará, nem sempre se conta com esse grande fator do progresso, os habitantes das plagas alencarinas não conversam e nem escrevem sem que alguma referência lhe façam. É o refrão constante dos seus pensamentos e das suas cogitações. Daí o título das magníficas melodias de Horácio Didimo. Pertencem à cartilha moderna dos que versejam, sintetizando imagens e condensando exortações. É o redemoinho dos tempos, quando tudo passa em corridas e vertigens.

E dizem os cientistas que a média cronológica da existência humana está aumentando. . . Não parece, porque a velocidade com que os anos fogem torna os dias curtos, mutilando ardores e anseios. De que serve a síntese, se os prazeres não podem ser prolongados?

Todavia, não adianta contrariar os ventos, que tanto apagam as velas como alimentam os incêndios.

Para obviar paradoxos, temos que nos submeter à sinopse das reflexões e ao resumo dos entendimentos. Exige-se brevidade nas expressões que representam as letras, as artes, as ciências e até as religiões. Pelo que se verifica, tudo foi avassalado pela síntese. Será melhor ou pior para a vivência sensorial do homem?

Seja como for, o hedonismo, na significação pura do seu criador, assinala uma das predileções mais favoritas da euforia individual.

Porém, nos dias que correm, as injunções são outras e as análises tomam tempo e espaço; e isto representa metal corrente. Encurtem-se, por conseguinte, gozos e prazeres, porque a maquinocracia estreita todos os intuitos que alegrem as almas e acalmam os corações.

A máquina vai pouco a pouco substituindo o homem e acaba por colocá-lo na minimez fria e apática dos sensores.

Horácio Didimo compreende bem esse desiderato, tanto que, aqui e acolá, o tema de sua poética convida ao discernimento natural dos fatos com leveza filosófica e atraente. Senão vejamos:

"Os robôs" é um resumo significativo de imaginação forte. Poesia que restringe tudo, que sintetiza proibições e encolhe a liberdade do indivíduo: "pare

/faça fila / não pise aqui / não dobre acolá / não fume / faça isso / não faça aquilo / e não se aceitam reclamações posteriores /.

É a técnica regulando as coisas e mecanizando o pobre mortal. A ciência precisa ser mais humana, progredir menos e dar mais descanso ao homem, ao homem moderno que anda tão atribulado e tão sôfrego, que não tem tempo para acabar com as guerras. Não vive; sofre e morre, para ser substituído pelo robô. Será que o conhecimento é um bem ou um mal? No seu tempo, Erasmo dizia que "a ciência conduz o homem cada vez menos à felicidade".

E agora, com o poder generalizado da síntese, até a poesia tem a sua condensação: poucas frases, linhas curtas e palavras contadas. A análise fica para o pensamento de quem lê; cada qual julgue como quiser e estenda-se a vontade, para ver como pode tornar-se feliz.

Horácio Dídimo não é só o poeta do *novo conceito*, o concretista, ou *bossa nova* de valor; projeta-se mais, transforma-se num filósofo sutil, natural e conformado, tal como surge naquele poema: "de como apesar de tudo a vida continua" que se alinha, palavra por palavra, em três pequenas orações: "se eu pudesse / - mas não adianta - / eu não posso".

Se todos aqueles que não dão conta dos misteres para que foram chamados, tivessem a coragem de declarar a própria incapacidade, o aproveitamento dos esforços seria mais razoável e compensador. A vaidade humana, porém, não gosta da verdade: e, por isso, ninguém se declara incompetente. Todo o mundo acha que pode e que tem aptidões múltiplas. Quando chega a hora de mostrar o que sabe, não encontra jeito, nem habilidade para fazer o que lhe foi destinado. Não pode, mas "apesar disso a vida continua". O poeta-filósofo tem, por conseguinte, a sua razão, porque nada se detém: ou vai para frente, ou para trás.

Nos versos "A estrada" o poeta proclama: "vou andando romântico e macabúzio cheio de idéias velhas / e sobrenomes antiquíssimos / é esta uma das formas de dizer adeus".

Resulta daí a idéia de um caminho longo, o caminho do sofrimento e dos sonhos, tal como é o palmilhar do ser humano, pela existência afora, em busca da felicidade que a gente julga ver nos outros, mas que nem sempre existe. As afirmações poéticas de Horácio Dídimo são, assim, leves, transparentes e macias.

No poema "A fumaça", ele debulha a palavra *cigarro*, diminuindo letra por letra, do fim para o princípio, quando fica sussurrando somente o c. E aí termina, com um bonito anacoluto, chiando em duas expressões: "cinza", "sarro". Vem logo à mente do leitor o que Jeovah disse a Adão: *memento, homo, quia pulvis es*. . . , recordando o pó e os resíduos desagradáveis em que se transformam os homens e as coisas. Quanto raciocínio produz essa composição concretista, para quem não vê unicamente o cigarro que se queima e se consome em fumaça, sarro e cinza. Hoje, com o progresso da indústria, o ígneo rolinho embrulhado de fumo liquida-se até sozinho; não precisa de quem o aspire. Também já vive amortalhado. . . E quantas pessoas sencientes andam assim, por esse mundo de Deus!

Vale a pena ler e interpretar o poeta da nova escola, para se fazer juízo seguro do que afirmamos nestas linhas e apreciar o domínio suave das suas lu-

cubrações, traduzidas em devaneios de uma simplicidade melodiosa e encantadora.

"A branca de neve", "Chapeuzinho vermelho", "As doces meninas de outrora" são outros tantos poemas de admirável síntese.

"Era bom" e "O anjo" são concepções de profundo alcance na delicadeza dos sentimentos, tal como "O fardo" que acorda consciências, trazendo lembranças e pressentimentos. Tudo escrito com serenidade, representa delicadamente as forças de um espírito que perscruta as boas sensações das almas puras.

Em "O futuro" o nubente fala com segurança e felicidade no dia do casamento e lê, altivo, as notícias dos jornais sobre a situação do país. / "Naquele dia o seu futuro era sólido e não havia infarto". /

Pronto, termina aí. Será que o noivo casou-se? morreu? ficou hemiplégico? Tudo é possível. O entusiasmo tem medida; e a gente deve contar sempre com tropeços e embaraços. É o revezamento comum dos sorrisos e dos gemidos! Mais uma vez o poeta registra naturalmente a marcha das horas e dos dias no balanço resumido dos seus pensamentos.

Na mesma ordem de idéias compõe "O lixo o luxo" e, depois de frasear com muriçocas amarelas, moscas azuis, miséria negra e piscinas azuis, conclui assim:

*"o lixo o luxo
as tertúlias coloridas
os caixões azuis"*

O autor enxerga tudo e, como verdadeiro humanista, dá a entender a filosofia vivencial do ser humano. Em "O patinho feio" há uma estória enternecedora de tristeza. Como é triste ser feio!

"Pierrô" mostra também melancolia, porém com romantismo e meiguice. São versos melodiosos de profundo sentimento. É uma página maravilhosa de encanto e beleza que amolentam a alma e o coração, ao mesmo tempo. A ternura desse poema confirma, por si só, a verdadeira configuração de um poeta.

Horácio Dídimo vai enchendo o livro com as mais diversas sensações que o leitor escolhe ao seu gosto, porém sempre dentro de um humanismo natural e sadio.

Apesar do seu concretismo encontramos o soneto "O quarto", o único representante da velha escola, muito bem apresentado e que não desmerece a companhia dos ritmos novos e das modernas cadências.

Nos versos que compõem "O sujeito" avulta friamente a verdade inexorável na ingratidão humana, marmórea, pesada e indestrutível. É a narrativa simples de um sujeito conversador e bem acolhido pelos companheiros, quando "um dia ele se descuidou e morreu e ninguém nunca mais se lembrou dele".

Esse esquecimento é uma terrível ingratidão. Maldade que surge com tanta frequência, que os homens parecem uns grandes desmemoriados.

Verdade é que muitas vezes o homem não é somente ingrato pelo simples fato de esquecer, mas por inveja, ódio, vaidade ou por falta de poder ser o que os outros são, ou de não ter o que os outros possuem.

De qualquer modo a ingratidão magoa os que a sentem e entristece os que a conhecem.

"O seu sorriso" é uma delicadeza de criação. Tem beleza e melodia.

E assim são "Os pássaros" e muitas outras produções de *Tempo de Chuva*, paradoxo de síntese na análise irreduzível de sentimentos e emoções.

UM POETA E SUA VOZ

FRANCISCO CARVALHO

Horácio Dídimo, quando se fez poeta em *Tempo de Chuva*, já era alguém que desafiava o mundo com riso e lucidez. Alguém que sabia ver as coisas com emoção, sem a perplexidade passiva dos que não aprenderam a respirar através das palavras. Agora, vem ele com novo livro de poemas. É um *tijolo de barro* que se acrescenta ao muro da nossa solidão, dando-lhe maior profundidade, beleza e solidez. Antes de mais nada, e para que não se diga que estou tentando ser cordial em face de um autor medíocre, é necessário que se afirme categoricamente estarmos diante de um dos mais altos valores poéticos já surgidos no Ceará, em qualquer tempo. Ele faz realmente grande poesia, a poesia dos eleitos. É necessário muita clarividência para se vislumbrar a grandeza humana deste poeta através da frágil tessitura verbal dos seus poemas. Poemas que na sua maioria se reduzem a uma dezena de palavras e, às vezes, até menos. Mas é de ver a profunda consciência deste poeta de rosto apocalíptico que emerge cristalinamente da escuma dos dias com as mãos repletas de canções, de palavras amargamente enternecidas. É um poeta de afirmação, de atitudes viris em face do mundo, poeta de extraordinário conteúdo existencial, que resiste heroicamente à tentação de se tornar cúmplice da numerosa legião de mornos que se alastram por todas as esquinas da vida. Sua poesia reflete a tensão dialética de um mundo que se multiplica em palpitações dionisíacas, de um mundo que respira todos os odores, que se rebela, que se exalta, que se entenece. O poeta não alimenta grandes ilusões a respeito dos homens, nem de suas maquinações. Mas afirma com implacável esperança, num dos grandes poemas do livro, que "um dia haverá alguém que diga não / - não / um não que cortará os pulsos / do desespero / um não que surgirá firme / como o sol na madrugada / e encherá os nossos olhos / de lágrimas".

Em outro poema igualmente notável (pág. 19), volta o poeta a afirmar, meio irônico, meio amargo, "que poucos são os homens e muitos os abdômens". É curioso observar que grande parcela do dinamismo metafórico do poema se contém precisamente no título, onde as palavras "bar e restaurante", funcionando em oposição à epígrafe "lanterna de diógenes", acentuam a contradição que se propaga no bojo do poema ("poucos são os homens e muitos os abdômens"). Toda a carga sensorial do poema se fundamenta, aliás, nessa contradição. Bar